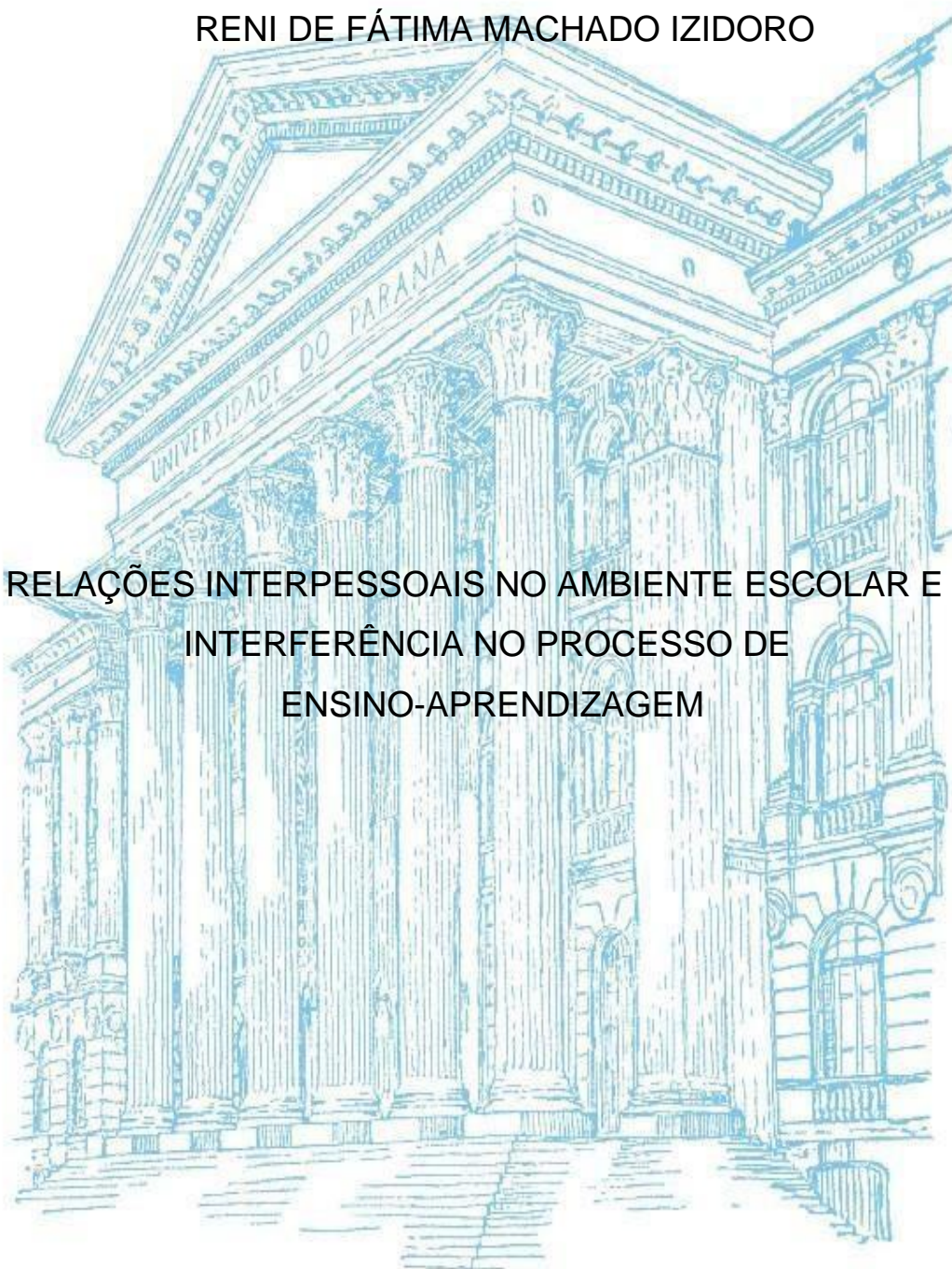


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

RENI DE FÁTIMA MACHADO IZIDORO

AS RELAÇÕES INTERPESSOAIS NO AMBIENTE ESCOLAR E SUA
INTERFERÊNCIA NO PROCESSO DE
ENSINO-APRENDIZAGEM



CURITIBA

2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

RENI DE FÁTIMA MACHADO IZIDORO

AS RELAÇÕES INTERPESSOAIS NO AMBIENTE ESCOLAR E SUA
INTERFERÊNCIA NO PROCESSO DE
ENSINO-APRENDIZAGEM

Trabalho apresentado como requisito à
obtenção do grau de especialista no Curso
de Especialização em Coordenação
Pedagógica, Setor de Educação,
Universidade Federal do Paraná.

Orientador (a): Michelle Souza Julio Knaut.

CURITIBA

2016



AS RELAÇÕES INTERPESSOAIS NO AMBIENTE ESCOLAR E SUA INTERFERÊNCIA NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

IZIDORO¹, Reni de Fátima Machado

RESUMO

Investigar as relações interpessoais no ambiente escolar e sua interferência no processo de ensino-aprendizagem é o objetivo principal desta pesquisa, que é bibliográfica e qualitativa, trazendo conceitos e opiniões de teóricos e estudiosos. A abordagem foi realizada em uma Escola Pública Estadual do Município de Guarapuava, PR, por meio de um questionário investigativo realizado com 33 alunos da 3ª série do Ensino Médio e entrevista com: a diretora, uma pedagoga, um professor da área de exatas, uma professora da área de humanas, ambos professores das turmas mencionadas, uma agente educacional I e uma agente educacional II. Os dados dos questionários são apresentados em gráficos e as opiniões fundamentadas, assim como a transcrição das entrevistas. Os resultados demonstram que as relações interpessoais no ambiente educacional têm grande relevância e podem interferir no processo de ensino aprendizagem, tanto de modo negativo, quanto positivo. A causa é apontada por diversos fatores, tais como emocional, comportamental, ético, social, entre outros, o que evidencia a necessidade de estudo e de um olhar mais apurado a todos os envolvidos nesse contexto.

PALAVRAS-CHAVE: Relações interpessoais, escola, ética, ensino-aprendizagem.

¹ Artigo produzido pelo aluno Reni de Fátima Machado Izidoro do Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica, na modalidade EAD, pela Universidade Federal do Paraná, sob a orientação da professora Michelle Souza Julio Knaut. E-mail: izidororeni@gmail.com.

1 INTRODUÇÃO

As relações interpessoais são fundamentais numa convivência em todo o ambiente de trabalho e dependem de vários fatores. São muitas as adversidades nos relacionamentos, podendo causar conflitos, desmotivação e interferindo no desempenho. No espaço escolar, local de muitas convivências, não é diferente. Pessoas fazem o ambiente e este faz as pessoas, desse contexto depende o sucesso do processo de ensino aprendizagem, é o que afirmam Freshi & Freshi (2013):

Todas as relações dentro da escola são refletidas diretamente no rendimento do profissional. Ter boas relações com o grupo de trabalho, com a direção, funcionários e com os alunos é fundamental para que o trabalho seja completo e para que o ato de ensinar seja prazeroso. Se alguma dessas relações não estiver equilibrada, faltará motivação e o trabalho ficará prejudicado. (FRESHI & FRESHI, 2013, p.2-3)

Sabe-se que em toda a escola, para se construir um espaço educacional sólido e abrangente é complexo, pois depende de todos os envolvidos. Questões culturais estão presente, a diversidade é grande e há pessoas possuem pensamentos e comportamentos diferentes em um mesmo meio.

O ambiente educacional das escolas públicas estaduais, objeto da pesquisa, é composto por direção, equipe pedagógica, agentes educacionais I e II, alunos, além dos pais e membros da comunidade, devendo ser um espaço de diálogo. As diferenças podem se tornar fatores de exclusão e atrapalhar o processo educativo. O relacionamento professor-aluno também é alvo da pesquisa que procura mostrar como essa interação ou falta dela pode afetar o processo de ensino/aprendizagem. Sobre essa relação, Wallon² (1995 apud Tassoni & Leite 2013) afirma que a afetividade pode influenciar no processo de ensino-aprendizagem. Os autores comentam que situações vivenciadas em sala de aula geram emoções e sentimentos diversos, tais como:

[...] alegria, tristeza, tranquilidade, ansiedade, confiança, segurança, insegurança, vergonha, constrangimento, raiva, medo, entusiasmo, envolvimento, orgulho, insatisfação, indiferença, consideração, etc. – tanto em professores como em alunos. Tais sentimentos e emoções afetam os processos de ensino e de aprendizagem e as relações entre os envolvidos. (TASSONI & LEITE, 2013, p.270)

² WALLON, H. **As origens do caráter na criança**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1995.

Diante do exposto, propiciar reflexões de como as relações interpessoais, no ambiente escolar, podem interferir no processo de ensino aprendizagem é o objetivo principal da presente pesquisa, por meio de teorias e da abordagem investigativa, buscando mostrar como andam os relacionamentos no espaço escolar e o que os envolvidos pensam sobre as relações interpessoais.

Conceituando desenvolvimento humano, princípios éticos, o papel do gestor educacional, a qualidade na educação e o processo de ensino- aprendizagem, a revisão bibliográfica sobre o tema partiu do método científico, para obter conhecimentos a fim de promover reflexões, intervindo de certa forma na realidade. Gerhardt e Silveira (2009) lembram que: “[...] ciência é um procedimento metódico cujo objetivo é conhecer, interpretar e intervir na realidade, tendo como diretriz problemas formulados que sustentam regras e ações adequadas à constituição do conhecimento”. Quanto à abordagem qualitativa, ela busca sempre as causas:

Os pesquisadores que utilizam os métodos qualitativos buscam explicar o porquê das coisas, exprimindo o que convém ser feito, mas não quantificam os valores e as trocas simbólicas nem se submetem à prova de fatos, pois os dados analisados são não-métricos (suscitados e de interação) e se valem de diferentes abordagens. (GERHARDT e SILVEIRA, 2009, p.32)

As questões norteadoras da pesquisa tendem averiguar a importância dada às relações interpessoais no ambiente da escola pública estadual, se há um bom relacionamento e interação entre os envolvidos e se eles percebem influência dessas relações no processo de ensino aprendizagem.

A pesquisa foi realizada em um Colégio Estadual do Município de Guarapuava, por meio de questionário investigativo com 33 alunos das turmas da 3ª série do Ensino Médio e entrevistas com a diretora, uma pedagoga, dois professores, e dois agentes educacionais I e II. Os dados do questionário estão compilados em gráficos e as opiniões assim como as entrevistas são objeto de análise fundamentada. Buscar respostas e enquadrá-las estatisticamente está longe de ser o método ideal para a busca pela qualidade na educação, entretanto, utilizar os dados para analisar, expor, comentar, problematizar e fomentar ações é a é o caminho que se propõe.

2 CONCEITOS E INTERAÇÕES

2.1 SOBRE A QUALIDADE NA EDUCAÇÃO

Existem muitos conceitos de qualidade na educação, cada conceito é subjetivo e pode diferenciar de acordo com as mudanças sociais. Em se tratando da qualidade da educação escolar não é diferente, pode-se dizer que é um tema atual, pois a todo o momento se houve falar em índices de qualidade da educação. No decorrer da História da Educação o tema é antigo, a qualidade na educação foi buscada por muitos, segundo Gadotti (2013). O termo qualidade, segundo ele, é um termo ligado à vida das pessoas, é um conceito complementar à quantidade e a ela está ligado, afirma que a qualidade é dinâmica, um conceito político que se altera de acordo com o contexto.

Assim, mundialmente a qualidade é buscada nos princípios que norteiam a avaliação dos processos de ensino aprendizagem, comandados por fatores históricos, culturais, políticos e econômicos. No Brasil, quando se fala em qualidade são muitos os estudos, debates, criação de leis, implantação de políticas educacionais, metas, tentativas, erros e acertos.

A qualidade na educação, para Dourado (2007), tem dimensões intraescolar e extraescolar, pois fora da escola deve ter suporte ao que se aprende dentro dela, para que a educação tenha finalidade. Afirma existir diversos elementos relacionados à qualidade: “[...] qualificar, avaliar e precisar a natureza e os atributos desejáveis ao processo educativo, tendo em vista a produção, organização, gestão e disseminação de saberes e conhecimentos fundamentais ao exercício da cidadania [...]” (p.29).

Considerando a realidade da escola pública, a análise da qualidade acontece de forma polissêmica devido à diversidade existente, a começar pelo contexto onde a escola está inserida e pelas diferentes modalidades educativas. São tantas e singulares as dificuldades que não se pode medir a qualidade pelos mesmos critérios. Vários problemas interferem: as políticas educacionais, condições de trabalho, falta de estrutura, de materiais, formação (graduação e continuada), remuneração adequada aos trabalhadores da educação, desvalorização dos mesmos e outros.

2.2 DESENVOLVIMENTO HUMANO E EDUCAÇÃO

Os estudos sobre as influências que as pessoas possuem no meio onde estão inseridas e de como por ele são influenciadas permeiam as discussões acerca do desenvolvimento humano. Pinto e Branco (2009) enfatizam a participação ativa do sujeito na construção de crenças, valores e práticas:

O referencial teórico-metodológico sociocultural construtivista inspirado na psicologia cultural compreende o desenvolvimento humano como um processo complexo e dinâmico, caracterizado por mudanças de ordem qualitativa. Estas mudanças ocorrem ao longo do tempo ontogenético mediante as interações contínuas que se estabelecem entre o indivíduo e o seu contexto sociocultural. (PINTO E BRANCO, 2009, p.512)

Em sua tentativa de adaptação ao meio as pessoas se desenvolvem, segundo Piaget (1987 apud Pinto e Branco 2009, p.513), a singularidade do sujeito deve ser considerada: “[...] nenhuma pessoa vivencia uma experiência de forma idêntica à outra, mesmo que o contexto sociocultural seja semelhante, ou que algumas características individuais sejam compartilhadas”.

Na perspectiva psicogenética de Wallon ³ (1975), em sua teoria de desenvolvimento ele afirma a importância da integração entre o organismo (potencial genético) e o meio (fatores ambientais e socioculturais), sendo assim há dependência de origem biológica e social: “o meio é um complemento indispensável ao ser vivo”, Wallon (1975 apud Mahoney e Almeida 2005, p. 164). Afirmando assim que as pessoas vão se moldando ao meio onde vivem e por ele são influenciadas.

Baquero (1998) afirma que, na teoria de Vygotsky, a aprendizagem acontece não só pelo desenvolvimento cognitivo, mas por meio da interação entre os indivíduos. Já Piaget tem foco na estrutura cognitiva do sujeito e de seus diferentes níveis de desenvolvimento, que deve ser estimulado com atividades e situações desafiadoras. Campos et al (2003) reforça que o estímulo e a interação social são fundamentais para o processo de aquisição do conhecimento, o que deve ocorrer na escola.

Lima (1990, p.30 apud Pinto e Branco 2009, p. 514) lembram que: “A escolarização foi considerada por Vygotsky como uma possibilidade única de desenvolvimento para o ser humano, uma vez que as aprendizagens que nela acontecem teriam pouca ou nenhuma possibilidade de ocorrer na vida cotidiana”. Por isso concluem que os

³ WALLON, H.. **Psicologia da Educação e da Infância**. Lisboa, Portugal: Editorial Estampa, 1975.

objetivos educacionais devem incluir a afetividade, o lado social do aluno e das pessoas envolvidas, promovendo a motivação na escola.

Dessa forma, a construção da afetividade pode ser fundamental para o desenvolvimento humano, pois os desafios diários colocam num mesmo ambiente pessoas estranhas um ao outro, que não possuem nenhuma afinidade, surgindo a ansiedade, o medo do novo, da escola, do trabalho, dos colegas e outras fobias.

2.3 AS RELAÇÕES INTERPESSOAIS NO AMBIENTE ESCOLAR

Os seres humanos precisam dar significado às suas ações e ao mundo que os rodeia, ao fazer isso criam a cultura, por isso essa capacidade é um fenômeno específico. Compartilhada por indivíduos de determinados grupos, a cultura distingue os povos. Ela produz costumes, arte, semelhanças entre os pares e diferenças entre os grupos. As distinções se dão por semelhanças (cor, sexo, idade, nacionalidade). Essas diferenças e semelhanças que constituem os indivíduos e/ou grupo, geram preconceito e desigualdade, prejudicando as relações, causando desentendimentos e conflitos:

[...] constitui verdade inquestionável o fato que, a todo momento, as diferenças entre os homens fazem-se presentes, mostrando e demonstrando que existem grupos humanos dotados de especificidades naturalmente irreduzíveis. As pessoas são diferentes de fato, em relação a cor da pele e dos olhos, quanto ao gênero e à sua orientação sexual, com referência às origens familiares e regionais, nos hábitos e gostos, no tocante ao estilo. Em resumo, os seres humanos são diferentes, pertencem a grupos variados, convivem e desenvolvem-se em culturas distintas. São então diferentes de direito. É o chamado direito à diferença; o direito de ser sendo diferente. (FERREIRA e GUIMARÃES, 2003, p.37).

Sendo assim, a busca por conhecimento tem o intuito de amenizar o preconceito e os conflitos, porque os conceitos, como agrupamento cognitivo, são produzidos historicamente e dessa forma culturalmente, sendo necessário promover reflexões sobre as ideias para que se sintetizem. O ambiente escolar pode ser o local propício para tal sintetização, pois nele muitas relações se consolidam.

Todos os ambientes escolares são formados por diferentes pessoas e pela relação entre elas. Tragtenberg (2001) afirma que existem relações simbólicas de poder no cotidiano escola, são disputas por poder, cargos e imposição de ideias que acabam em conflitos e embates desgastantes. Segundo o autor, a estrutura escolar

deve ser horizontal, isto é, democrática, para que haja o poder de autogestão entre os envolvidos.

Freschi e Freschi (2013) analisaram alguns tipos de relações existentes no ambiente escolar e consideram que a afetividade e a autoestima é o melhor caminho para que as relações intra/interpessoais tornem o ambiente favorável ao bom andamento do processo de ensino e aprendizagem, um espaço a ser construído:

Eu diria que os educadores são como as velhas árvores. Possuem uma face, um nome, uma “estória” a ser contada. Habitam um mundo em que o que vale é a relação que os liga aos alunos, sendo que cada aluno é uma “entidade” sui generis portador de um nome, também de uma “estória”, sofrendo tristezas e alimentando esperanças. E a educação é algo para acontecer neste espaço invisível e denso, que se estabelece a dois. Espaço artesanal (ALVES 1987, p. 13 apud FRESCHI & FRESCHI, 2013)

O espaço escolar é construído pelas pessoas e centrado nelas. Rogers ⁴(1982 apud Zimring 2010), em sua teoria humanista psicoterapeuta, usava a terapia centrada no cliente, ensino centrado no aluno e liderança centrada no grupo, cujo as várias vertentes se denominam *Abordagem Centrada na Pessoa*, gerando novas teorizações contemporâneas. Zimring (2010) lembra que esse pensamento continua vivo quando se fala em respeito pelo ser humano e suas potencialidades, sem ignorar as diferenças e as pluralidades.

2.3.1 Os princípios éticos no ambiente de trabalho

Os seres humanos constroem relações coletivas e a ética e moral representam essa realidade. Ética e moral, normalmente são vistas como sinônimos ou dão ideia de costume, mas os costumes e o caráter, são construídos por hábitos. De acordo com o Aurélio⁵, ética e moral se referem ao estudo dos juízos de apreciação individual ou coletiva da conduta humana do ponto de vista do bem e do mal. Filosoficamente, o termo moral é definido como conjunto de princípios e crenças, regras que orientam os comportamentos dos diversos povos e a ética vista como reflexão crítica sobre a moral, tendo, portanto, significados diferenciados. Os

⁴ ROGERS C. R. **Tornar-se pessoa**. 6ª ed. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1982

⁵ FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. Disponível em <https://dicionariodoaurelio.com/dicionario.php? P=Etica> <https://dicionariodoaurelio.com/moral> (acesso em 22/06/2016).

princípios éticos - normas, leis, regras, moral, etc., valem para todos. Chauí (2002), afirma que valores relativos ao bem e ao mal, ao permitido e ao proibido são instituídos pela moral em cada cultura e sociedade.

No ambiente de trabalho a moral é apresentada em forma de regras e normas, na escola em específico isso é tratado por meio de regimentos, combinados contidos no Projeto Político Pedagógico (PPP). A ética dirige as relações no ambiente buscando torná-lo amistoso. Devries e Zan (2007), afirmam que a sala de aula é um ambiente sócio/moral e que por meio do currículo, sem perceber os professores orientam os alunos, que captam como proceder, isto é, o que é certo e o que é errado.

Disso dependerão as relações nos demais ambientes familiares ou de trabalho.

2.3.2 O papel do gestor e da equipe pedagógica nas relações interpessoais

A Constituição Federal de 1988, nos art. 205 a 214, evidencia a importância da democracia dentro do ambiente escolar: “gestão democrática do ensino público, na forma da lei, como princípio básico para o ensino” (art. 206, § VI). Sempre, um dos maiores desafios do gestor educacional da escola pública é formular um plano de ação democrático, que esteja em conexão com a realidade de cada escola. Pois geralmente as leis e ações governamentais, são pensadas e feitas por pessoas que não conhecem a realidade ou as necessidades do dia a dia escolar. No entanto, Dourado (2007) afirma que autonomia deve ser efetivada pelo conhecimento e procedimentos legais adotados pelo gestor, o qual deve administrar a escola com responsabilidade, transparência, democracia e impessoalidade.

As instâncias colegiadas, Conselho Escolar, Associação de Pais, Mestres e Funcionários-APMF e Grêmios Estudantis estão cada vez mais atuantes dentro da organização escolar. Assim, a direção deve agir de acordo com as decisões coletivas, tanto no aspecto administrativo, quanto pedagógico. Direção e equipe pedagógica devem trabalhar de forma linear, estando em frequente diálogo e fazendo análise, planejamento, correção e direcionamento de ações. O Projeto Político Pedagógico deve estar em permanente construção, é nele que se define que tipo de homens a escola quer formar e para quê, levando em conta a realidade da escola.

Respeitar as pessoas com sua pluralidade de ideias, é um desafio diário, pois as coisas acontecem no dia a dia escolar. Espera-se do gestor e da equipe

pedagógica habilidade para lidar com os conflitos, para que todos construam juntos um ambiente escolar propício ao convívio saudável e à aprendizagem significativa.

2.3.3 Ensino/aprendizagem e a colaboração: professor-aluno e aluno-aluno

O modelo de ensino tradicional com professor ativo e aluno passivo há muito perdeu seu lugar na educação, o primeiro passou a se tornar mediador do conhecimento e o aluno agente participativo. A construção coletiva do conhecimento, quer seja na relação professor-aluno ou aluno-aluno chamada de aprendizagem colaborativa, partiu da busca por novos conhecimentos e métodos de adquiri-los, tornando os participantes agentes ativos nessa construção. Campos et al (2003) fala que o aprendizado por meio da interação passou a ter maior êxito e que a aprendizagem colaborativa tem seu potencial comprovado.

Estudos como o de Damiani (2008, p.224) mostram que a aprendizagem colaborativa e a cooperativa, são responsáveis pela apropriação e retenção do conhecimento, promovem a socialização, melhorando as relações e a autoestima dos alunos. Ele afirma que “o desenvolvimento de atividades de maneira colegiada pode criar um ambiente rico em aprendizagens acadêmicas e sociais, tanto para estudantes como para professores, assim como proporcionar a estes um maior grau de satisfação profissional” Campos et al (2003, p. 26), vê a aprendizagem colaborativa como “[...] uma proposta pedagógica na qual estudantes ajudam-se no processo de aprendizagem, atuando como parceiros entre si e com o professor[...]”.

O ambiente de aprendizagem colaborativa tem pressupostos construtivistas e interacionistas firmado na teoria de Vygotsky e nos estudos de Piaget, com algumas divergências, mas ambas as concepções contribuem para a proposta dessa aprendizagem. Toda prática educativa vem da teoria e vice-versa, nessa mediação, a aprendizagem colaborativa contribui para o processo segundo Torres:

Uma proposta colaborativa caracteriza-se pela: participação ativa do aluno no processo de aprendizagem; mediação da aprendizagem feita por professores e tutores; construção coletiva do conhecimento, que emerge da troca entre pares, das atividades práticas dos alunos, de suas reflexões, de seus debates e questionamentos; interatividade entre os diversos atores que atuam no processo; estimulação dos processos de expressão e comunicação; flexibilização dos papéis no processo das comunicações e das relações a fim de permitir a construção coletiva do saber; sistematização do planejamento, do desenvolvimento e da avaliação das atividades; aceitação das diversidades e diferenças entre alunos; desenvolvimento da autonomia do aluno no processo ensino-aprendizagem; valorização da liberdade com

responsabilidade; comprometimento com a autoria; valorização do processo e não do produto. (TORRES, 2004, p. 50)

Segundo o autor, com a participação colaborativa há promoção da interação, maior colaboração, afinidades e conseqüentemente melhora da qualidade das relações interpessoais, dando maior significado ao processo educativo.

2.3.3.1 Relações interpessoais e a diversidade no contexto escolar

Diante do contexto social, a escola vem sofrendo impactos que exigem repensar a organização do trabalho pedagógico. A desestrutura familiar, diversidade cultural, a desigualdade econômica e, conseqüentemente social e tantos outros problemas manifestam comportamentos diversos no espaço escolar, como a indisciplina e a violência, temas que têm sido de grande reflexão e debate.

Existe relação entre autonomia e liberdade e violência e indisciplina na escola, o que pode estar sendo negligenciado pelas políticas educacionais, pela sociedade e até por muitos educadores. Sobre isso, Arroyo (2007), diz que ainda não se concluiu de quem é a responsabilidade e espera-se reação da sociedade e implantação de novas políticas educacionais. Já Silva (1997) pensa que não se pode apenas jogar a responsabilidade para o governo ou para as famílias, a indisciplina e a violência atingem a todos e cada um deve fazer a sua parte.

Silva (1997) lembra que na escola, diretores, coordenadores, funcionários e alunos também podem cometer violências sem perceber, pois, as violências verbais ou de atitudes às vezes machucam ainda mais. Sendo assim, ele reforça-se a importância de momentos de reflexão e formação no meio escolar.

3 PARECER DO PÚBLICO ALVO

3.1 METODOLOGIA APLICADA

Tendo como foco o ambiente relacional de um Colégio Estadual do Município de Guarapuava, a abordagem qualitativa envolveu alguns profissionais da escola e alunos. Os dados foram coletados por meio questionário aplicado a 33 alunos das turmas da 3ª série do Ensino Médio e entrevista com a diretora, uma pedagoga, dois professores das turmas escolhidas, um da área de humanas e outro de exatas, um agente educacional I (serviços gerais) e um agente educacional I I (secretaria).

3.2 COMPILAÇÃO DE DADOS/ PARECER DOS ENVOLVIDOS

3.2.1 Relato dos alunos da 3ª série do Ensino Médio

Os alunos de duas turmas da 3ª série do Ensino Médio, num total de 33, responderam ao questionário (Item 6.1) com seis questões, objetivas e descritivas, sobre as relações interpessoais no ambiente escolar.

1- Você considera importante as relações interpessoais no ambiente escolar?

Sim	33	100%
Não	0	0%
Total	33	

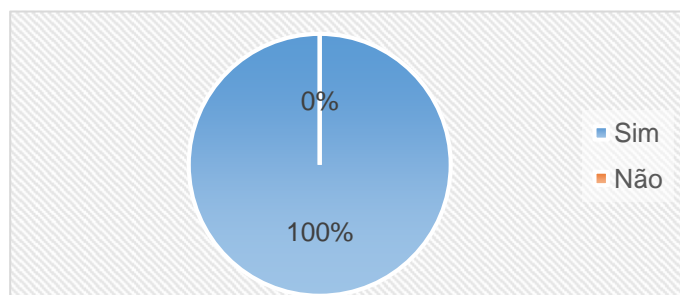


Gráfico1

Conforme o gráfico, todos os alunos concordam com a importância das relações interpessoais no ambiente escolar. As justificativas são de que a boa convivência e a comunicação são essenciais, pois, as pessoas estão sempre juntas no mesmo local: “Não adianta ficar num local sem comunicação, estar cheio de gente em volta e se sentir sozinho”. Dizem que as boas relações são importantes para que haja harmonia: “Quando há respeito a ligação entre as pessoas torna o ambiente

agradável”. Eles também comentam que diálogo é a melhor forma de se resolver os problemas e que cada um deve exercer sua função para o bem-estar de todos. Sabe-se que nas instituições escolares a educação formal é sistematizada e a qualidade, em seu aspecto objetivo é prioridade. No entanto, Pinto e Branco (2009), lembram que o ensino informal é conduzido por ações de cada um que atua no ambiente escolar, mexendo com lado social, afetivo e até moral, que as condutas são orientadas por valores e crenças, mesmo não explícitos.

2 - Como você percebe as relações interpessoais na sua escola como um todo?

Ótimas	1	3%
Boas	24	73%
Ruins	5	15%
Outros	3	9%
Total	33	

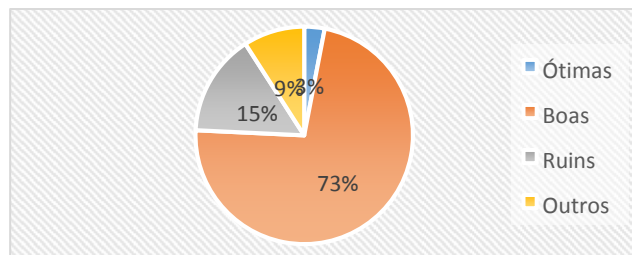


Gráfico 2

Na questão nº 2, a maioria dos alunos classifica como boas as relações interpessoais na escola como um todo. Alguns reclamam que deveria haver mais diálogo entre alunos e a direção. Outros relatam que, embora haja certa harmonia entre os grupos e se percebe que respeitam os professores e funcionários, nem sempre há colaboração entre todos alunos, existem desentendimentos, brigas, xingamentos, picuinhas e provocações: "Colegas querem ser mais que os outros, discriminam e excluem". Dizem que as desavenças dependem da característica de cada grupo: "Existem inimizades, mas a equipe pedagógica sempre está cuidando para que não haja brigas". Comentam ainda: "Se percebe que há ofensas, intolerância principalmente por questões de gênero e discriminação a pessoas com opções sexuais diferentes, o que causa divisão na turma".

Existem várias formas de violência praticadas na escola, que pode ser física ou psicológica como a discriminação, o bullying, a intolerância entre outras de acordo

com Arroyo (2007). Também Linhares (1986) alerta que a violência na escola pode ser vista de diferentes modos por professores e alunos:

[...] Da escola se espera o fortalecimento de sujeitos que, capazes de elaborar conhecimentos, contingências e estruturas, possam imaginar outros mundos ainda não concretizados e neles investir com paixão para construir tempos e lugares que ampliem as alternativas da realização humana e social (LINHARES, 1986, p. 16).

A escola deve ser local de aprendizagem e nela criada a cultura da aprovação, da cidadania e que respeite o direito de todos, de acordo com Silva (1997) que sugere algumas atitudes, entre as principais, o respeito a todos e suas opiniões e a valorização ao que os outros têm de bom, priorizando sempre o diálogo.

3- Sobre as relações interpessoais entre professor(a) e aluno(a), resumindo o seu relacionamento com os professores durante todo esse tempo de escola, como você classificaria?

Muito bom	11	33%
Nem sempre	15	46%
Ruim com alguns	5	15%
Ruim com a maioria	2	6%
Total	33	

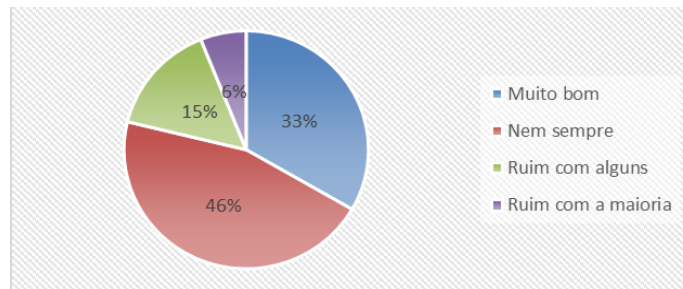


Gráfico 3

O relacionamento professor/aluno para maioria dos alunos nem sempre foi bom, é o que indicam os apontamentos no gráfico 3. Justificando, eles respondem: "Os professores procuram fazer o melhor para cada aluno, mas alguns não buscam isso no professor". Outros dizem: "Há professores que a gente não se dá bem [...] talvez pelo jeito de explicarem ou não estarem abertos a críticas. [...] há os que não entendem a dificuldade do aluno, pois nem todos têm o mesmo nível de aprendizado". Desentendimentos são citados: "Alguns se irritam por qualquer coisa[...] sempre há um professor que não liga para os alunos ou trata um e outro de modo diferente". Ter um professor amigo, segundo eles, facilita o aprendizado: "Há ótimos professores, porém, tem os que querem respeito e não respeitam os alunos, [...] depende muito de cada ser humano, uns agradam a poucos, outros a maioria e alguns, a ninguém". O ambiente educacional compreende a construção de um espaço de diálogo no qual as diferenças não sejam fatores da exclusão, que atrapalha todo o processo educativo

afirma Sanches (2005). Ele diz que o sucesso no processo de ensino e de aprendizagem depende também da conduta docente, as relações entre o(a) professor(a) e os educandos deve ser cultivada com empenho de todos.

4- Quanto a seus colegas de escola, como foram as relações interpessoais nesse período?

Muito bom	16	49%
Nem sempre	11	33%
Ruim com alguns	5	15%
Ruim com a maioria	1	3%
Total	33	

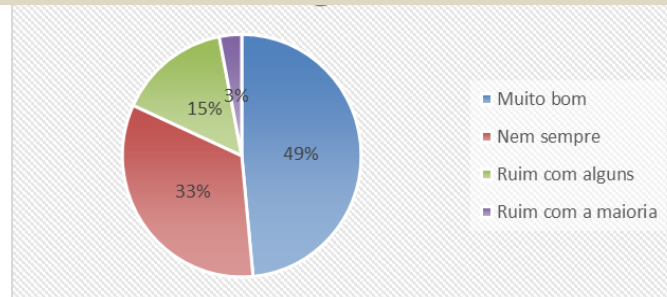


Gráfico 4

Sobre as indagações da 4ª questão, metade dos alunos considera que as relações com os colegas são muito boas e que há harmonia, procurando ajudar um ao outro. No entanto, grande parte conta que às vezes há desentendimentos e discussões: "Alguns preconceitos e piadas desnecessárias". Comenta-se que: "Existem conflitos, implicâncias com gays, simpatizantes e questões de gênero". O que outros confirmam: "Há pessoas ignorantes e com falta de humildade". Alunos que moram no interior reclamam que: "Alguns colegas riem da forma como falamos".

Essas relações na escola podem ser positivas e negativas, segundo Pinto e Branco (2009), nas positivas/construtivas o carro chefe é a comunicação, o modo de falar, um simples gesto, um sorriso, abraço, elogio e a colaboração fazem a diferença. Nas relações negativas, a mesma comunicação pode priorizar os interesses individuais, causando hostilidade e competição. O diálogo é visto por todos como caminho para a interação e melhora nos relacionamentos interpessoais.

5- Para você, qual o perfil ideal de professor? (Questão de múltipla escolha)

Transmissor de conhecimento	18	19%
Orientador	20	21%
Mediador do conhecimento	10	11%
Ajudante na construção do conhecimento	25	27%
Amigo	20	22%

Total	93	100%
-------	----	------

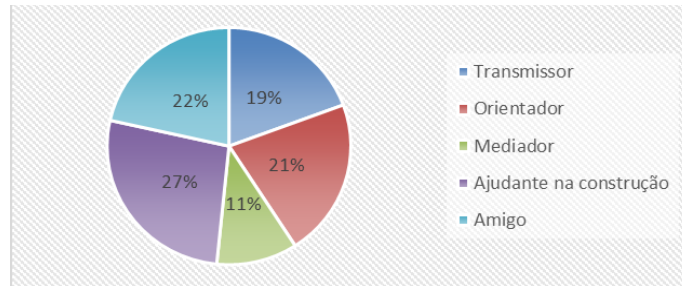


Gráfico 5

Os alunos indicam o perfil ideal de professor, conforme o gráfico 5, na questão com múltiplas escolhas. Dentre as justificativas, relata-se que a maioria dos professores auxilia muito em sala, ajuda-os a conhecer mais o mundo orientando o caminho, mas enfatizam que: “O professor precisa ter equilíbrio, nem ser muito parceiro (confiança demais) ensinar de um jeito bom, descontraído”. Falam que se aprende mais quando: “Um professor não se restringe a somente ensinar e sim fazer com que entendamos a matéria [...] se houvesse mais comunicação entre professor e aluno seria melhor, não tornaria o estudo de algumas matérias um peso”.

Diante das comparativas, Rogers (1982, p.16 apud Zimring, 2010) diz que a educação descontextualizada não tem valor, seu principal objetivo é facilitar a aprendizagem para que, por meio dela, haja alterações no comportamento e seja funcional: “Uma verdadeira aprendizagem é condicionada pela presença de certas atitudes positivas na relação pessoal que se instaura entre aquele que *facilita* a aprendizagem e aquele que *aprende* estabelecendo então, uma relação de ajuda”.

6- Estudiosos dizem que as relações interpessoais no ambiente escolar podem incluir ou excluir as pessoas. Você acha que a relação interpessoal no ambiente escolar pode refletir no processo de ensino/aprendizagem?

Sim	29	88%
Não	4	12%
Total	33	

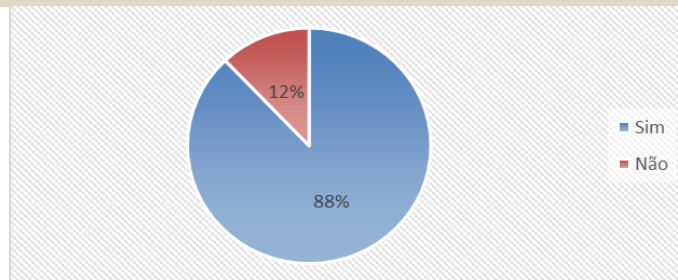


Gráfico 6

Objeto principal da pesquisa, a questão nº 6 indaga sobre como as relações interpessoais podem refletir no processo de ensino e aprendizagem, observa-se no

gráfico que a maioria dos alunos concorda que há interferência. Eles comentam que quando há diálogo e troca de ideias se aprende melhor, mas se a relação não é boa perde-se o interesse em estudar: “Quando as pessoas começam a ficar “pra baixo” perdem o interesse em frequentar o ambiente escolar”. Afirmam que as pessoas maltratadas se sentem excluídas: “As pessoas excluídas sempre ficam de lado, mais tristes, o que dificulta a aprendizagem, perde a vontade de vir para a escola”. Pensam que o ideal seria que todos colaborassem e participassem: “É preciso adquirir o respeito com o próximo e aprender a viver em sociedade, [...] às vezes falamos sem pensar e magoamos as pessoas”. Dizem que há interferência principalmente: “se a pessoa se sente sozinha e não consegue fazer os trabalhos em grupo, [...] o desempenho não é bom”. Para eles, o aluno ele deve se sentir parte da escola: “Quando você se sente bem e à vontade num ambiente, aprende mais fácil”.

Na convivência em grupo, é fundamental respeitar o outro, seu espaço e opinião. Um dos principais fatores de antagonismos é o egoísmo, ele mascara o olhar para o outro, fazendo julgamentos e originando pré-conceitos. Freschi e Freschi (2013) afirmam que as relações interpessoais podem afetar o ambiente de trabalho e, que no caso do ambiente escolar, elas interferem diretamente no aprendizado, pois os atos de ensinar e aprender precisam ser prazerosos. Nesse seguimento, Baquero (1998), afirma que o conhecimento se dá pela experiência, pela interação e compartilhamento de ideias e que enfrentamento às dificuldades no quesito ensinoaprendizagem se faz necessário, pois a falta de motivação se reflete no índice de desistências e abandono nas escolas.

3.2.2 Transcrição das entrevistas com a direção, pedagogo, professores e agentes educacionais I e II.

Por meio de entrevista (Item 6.2) buscou-se o parecer: da diretora do colégio, que também é Pedagoga, atuando há 13 anos na profissão; de uma pedagoga com 18 anos de experiência; de um professor da área de exatas, há 16 anos no mesmo colégio; de uma professora da área de humanas com 25 anos de vivência em escolas; ambos atuando em turmas do Ensino Médio; de uma agente educacional I, há mais de vinte anos na profissão e uma agente educacional II com 5 anos nesse trabalho.

Ao serem indagados sobre sua identificação com o ambiente escolar, a maioria fala que se identifica muito e que não se imaginam fazendo outra coisa, com

exceção da agente educacional II, que afirma identifica-se parcialmente com o ambiente no todo, pois fica na secretaria e seu contato com alunos é pouco. Sobre isso a pedagoga enfatiza que ter cursado Magistério antes da graduação lhe propiciou maior base para sua identificação com a escola, ela também é formada em psicologia, o que considera complementar bastante o seu trabalho afirmando: "Seria o ótimo se as unidades escolares públicas pudessem contar com um psicólogo para ajudar nas mudanças emocionais pelas quais os adolescentes passam".

Os pesquisados respondem se concordam que a relação interpessoal interfere no desenvolvimento pessoal e profissional e de que maneira. A diretora fala que o ambiente de trabalho deve ser um local de diálogo e análise das situações e ocorrências para que exista harmonia e equilíbrio para que todos se sintam bem.

Rodrigues (1987, p. 43 apud Dourado 2003, p.10) afirma que no interior da escola é que começa a democratização para que os envolvidos tenham espaço de discussão, inclusive os alunos e para que a função social e política da escola seja compreendida, só assim ela cumprirá a função de "preparar e elevar o indivíduo ao domínio de instrumentos culturais, intelectuais, profissionais e políticos".

A pedagoga considera que se não houver uma boa convivência não há ânimo para trabalhar todo dia: "em vez de ser algo prazeroso, acaba-se não gostando do ambiente, se desmotivando e a produção cai". Concordando, o professor de exatas argumenta que para que se tenha um resultado positivo no trabalho, deve haver entendimento entre os colegas com troca de informações e ajuda nas dificuldades. O que a professora de humanas reafirma e vai mais além:

Nós passamos boa parte do tempo na escola com os colegas, até mais que com os familiares e quando a gente se sente bem tudo caminha bem, não tem como deixar tudo em casa e vir só com uma parte para escola, não se pode deixar os problemas interferirem, mas, dependendo acabam interferindo. É preciso acordar feliz em ir trabalhar, em chegar àquele colégio e encontrar àqueles colegas de trabalho, aí vale a pena!

Ainda na mesma questão a agente educacional I diz que realmente é preciso que haja interação, mas acima de tudo colaboração: "Já vi colegas de trabalho fazerem apenas o que acham ser sua função e muitas vezes nem isso, deixando que os demais se sobrecarreguem". A agente educacional II acredita que no ambiente de trabalho o clima deve ser leve para que cada um desempenhe bem sua função com um bom resultado, o que influenciará não só na convivência local e em casa também.

No espaço escolar existe o envolvimento de muitas pessoas com diferentes olhares, assim, buscou-se saber como as relações interpessoais interferem nesse ambiente. Sobre isso, a diretora afirma que a interferência pode ser positiva quando há uma boa relação e união entre o grupo envolvido e a negativa ocorre quando há divergências e conflitos não sanados, pois os objetivos não são atingidos.

A pedagoga acrescenta que é importante conhecer a realidade de cada aluno e o contexto em que vivem. Reforçando, o professor de exatas coloca: “um bom relacionamento é fundamental em qualquer situação e no colégio é preciso pensar em unidades, todos são importantes”. Da mesma forma, a professora de humanas considera fundamental a sintonia: “se um deixar de cumprir sua função, a escola perde muito”. A união e a interação são citadas pela agente educacional I: “é preciso caminhar juntos respeitando as ideias”. Já a agente educacional II acha que o comportamento de cada um interfere nas atitudes dentro e fora do ambiente escolar. Baquero (1998) afirma que na teoria de Vygotsky a aprendizagem acontece não só pelo desenvolvimento cognitivo, mas por meio da interação entre os indivíduos. Sendo assim, foi indagado se o relacionamento professor/aluno reflete no ensino/aprendizagem, ao que todos concordam. Sobre isso a diretora enfatiza: “O professor que trabalha com o aluno de modo dinâmico e o ajuda a refletir sobre suas ações, sobre o porquê que ele agiu assim, fará com que o aluno seja mais produtivo”. Para a pedagoga, a interação é muito mais do que fala Vygotsky:

Deve haver vínculo entre professor e aluno, um compromisso além do pedagógico, com o ser humano, pois ele não é só mais uma pessoa que está ali e precisa aprender aquele conteúdo, está aprendendo para a vida. O aluno não vem dentro de uma caixinha, ele tem seus problemas emocionais e motivos que não deixa em casa, assim como o professor também não consegue deixar. Primeiro é preciso ver o ser humano e depois o aluno ou professor, o ganho para ambos é mais garantido.

O aluno precisa se identificar com o professor, é o que pensa o professor de exatas: “só assim ele se identificará com a matéria, se o aluno já tiver preconceito com professor ou vice-versa o trabalho fica prejudicado”. Confirmando, a professora de humanas diz que isso é perceptível, se o aluno se identifica com o professor, mesmo não gostando da matéria procura aprender:

Eu me preocupo muito e me importa se o aluno gosta de mim, porque acho que isso faz diferença, chegar numa sala de aula e ser recebida com um abraço, um beijo ou um afago já começa bem e o aluno não cria aquela

barreira. Há muitos casos em que o próprio professor cria uma distância que não precisaria existir.

A interação entre professor e aluno é fator primordial, segundo a agente educacional I; “o aluno precisa gostar do professor e conseqüentemente da matéria para aprender, assim como o professor gostar do que faz”. De acordo com a agente educacional II o reflexo é evidente: “É visível a diferença entre o interesse dos alunos pela disciplina em que o professor tem uma relação mais próxima do que pela disciplina que ele tem uma postura distante e autoritária. A disciplina vem da confiança mútua entre as partes”.

De acordo com Chauí (2002) cada indivíduo possui um senso de moral próprio, o caráter, porém a realização pessoal depende das noções éticas, nesse sentido, os entrevistados refletem e comentam sobre o que é ser ético no ambiente de trabalho. Para a diretora ser ético é em primeiro lugar respeitar o outro, refletir sobre as atitudes para que não sejam discriminatórias e de favorecimentos. A pedagoga diz que o respeito é fundamental: “cada um tem sua história de vida, pensa de um jeito e deve haver empatia, ou seja, um deve ser colocar no lugar do outro”. Ser ético no trabalho para o professor de exatas é: “Desempenhar o seu papel fazendo o trabalho da melhor maneira possível, trabalhar o conteúdo que vai ser mais útil para o aluno e ter o cuidado na hora de expor a opinião, sem impor”. Para a professora de humanas ser ético é: “tanta coisa! É tentar conciliar todas as adversidades, não falar mal de ninguém, pois as relações são delicadas. É fazer o seu trabalho da melhor forma possível e é respeito acima de tudo”!

Os princípios éticos para a agente educacional I são: “Respeitar e ajudar os colegas fazendo algo a mais e não apenas a sua parte, não comentar em casa o que acontece no trabalho e vice-versa”. Para a agente educacional II, é atender bem e fazer o melhor possível: “A ética de cada um varia conforme sua mentalidade”

Sobre a construção artesanal do espaço escolar, descrita por Freschi & Freschi (2013), a diretora pensa que é preciso analisar as ações, colocar em prática, avaliar, remodelar e manter o equilíbrio nas decisões: “a escola deve ser um local onde os professores estejam mais felizes e os alunos motivados, assim se sente mais tranquila em atender e ouvir os grupos”. Para ela construção artesanal significa:

Algo delicado que deve ser trabalhado com o tempo, porque sempre haverá empecilhos, é uma luta constante, uma lapidação. Porque alguns não

colaboram preferem a mesmice, conformados e não querem se incomodar com novidades, pessoas pessimistas que não são a favor de mudanças, preferem que alguém diga como deve ser feito a se envolver.

Nessa construção artesanal, a pedagoga afirma ter um papel importante, pois ter uma visão da escola como um todo, ter contato com direção, professores, funcionários, aluno, pais e a comunidade: “faz com que essa engrenagem ganhe movimento, pois a escola é uma construção e precisa haver essa intermediação de ideias para que o objetivo principal seja alcançado“. O professor de exatas acha que seu papel é construir um ambiente de trabalho, onde sinta prazer em trabalhar e o aluno de frequentar a turma e participar da aula: “estar à disposição para tirar dúvidas dos alunos na hora-atividade e ser flexível para aqueles que desejam aprender”.

Construída nos mínimos detalhes, a relação no ambiente escolar, de acordo com a professora de humanas, deve ser com carinho, pensando em cada situação, às vezes é preciso relevar atitudes e lidar com os adolescentes com muito tato:

É preciso ajudá-los a desenvolver o lado emocional, somos feitos de pequenas construções, tentar a cada dia ser melhor do que somos é uma tarefa difícil. Em aspectos físicos, o professor também é artesão, pois por mais criativo que seja, não consegue alcançar as novas tecnologias, os equipamentos nas escolas públicas são precários, então precisa remodelar os conteúdos e inovar na metodologia para que eles aproveitem.

Categoricamente, a agente educacional I, afirma que seu papel na escola é importante porque sem sua equipe a escola não funciona:

O professor não consegue limpar a sala de aula e atender os alunos, se os funcionários fazem greve as aulas param. É como se fossemos um tijolo, se não estivermos em nosso lugar vamos fazer falta. Além do mais, os alunos têm bastante intimidade com agentes educacionais I porque estão mais próximos e os procuram para conversar, mais que apenas agentes de apoio, somos educadores também.

Cada profissional tem seu papel, diz a agente educacional II, para ela: “trabalhar bem é fazer o que for preciso na escola para melhor servir: “afinal somos servidores públicos, estamos aqui para atender e servir”

As pessoas precisam se relacionar bem “com” e “no” trabalho. Muitas vezes não trabalham no que escolheram, mas no que aparece, por isso fazem as tarefas mecanicamente, ganhando sustento para a vida, esquecendo de viver bem enquanto

isso. É terrível fazer de seu trabalho um fardo, um castigo. O ideal é fazer o que gosta com prazer, empenho e dedicação.

4 CONSIDERAÇÕES MOMENTÂNEAS

A realidade brasileira mostra que a tendência centralizadora ainda é muito forte na cultura da escola e do sistema educacional como um todo. A participação da comunidade escolar, no seu sentido pleno, ainda não constitui prática comum. Democratizar a gestão pedagógica implica considerar o coletivo da comunidade escolar tanto na organização do trabalho pedagógico como na gestão escolar. Linhares (1986) reforça que é preciso pensar num gestor que, juntamente com a comunidade escolar, assegure o alcance dos objetivos educacionais definidos e faça do ambiente escolar um local propício para relações e realizações humanas.

Aprender a lidar com as relações interpessoais deve ser um dos objetivos propostos no Plano de Ação da escola. Ela é um espaço de divergências por si só, mas cabe ao gestor: conduzir, cuidar das pequenas coisas, de cada detalhe, ter capacidade arquitetônica de planejar e executar. As pessoas devem evitar confrontos, eles geram brigas, disputas e anulações, embora os conflitos sejam necessários e construtivos, deles nascem mudanças, por isso ser flexível é dialogar, ouvir e dar chance aos novos projetos e ideias, é sair do comodismo.

A efetivação da cidadania a ser desenvolvida no interior das escolas deve ser levada a sério, num trabalho que propicie ações onde cada um se conscientize de seu papel, pois ser cidadão é saber que normas e regras são estabelecidas para serem cumpridas e que todos são sujeitos de direitos e de deveres. Agir com ética, cuidado, atenção e respeito, são princípios que tornam o espaço de trabalho melhor. Deve-se respeitar a pluralidade de pessoas e ideias que compõem a escola, levando em conta que o modo de acolher as pessoas faz a diferença. Trabalhar respeito, solidariedade, cooperação, companheirismo e outros fatores essenciais à convivência é o caminho e vem a refletir no processo de ensino-aprendizagem.

Sanches (2005) defende a inclusão ao afirmar que as escolas: “[...]devem satisfazer as necessidades de todos os alunos, sejam quais forem as suas características pessoais, psicológicas ou sociais [...] e colaborar com a erradicação da ampla desigualdade e injustiça social” (p.18). Dessa forma, ouvindo o relato dos

alunos, percebe-se que buscam por novas formas de relacionar-se e construir ambientes educacionais plausíveis, que levem a uma só causa.

Duarte (2004) mostra a ansiedade vivida por professores de escolas públicas quanto aos alunos. Há muito tempo se queixam do desinteresse dos educandos e dos problemas sociais, a falta de estrutura e desvalorização profissional são lembrados. Observa-se que hoje as queixas são as mesmas e as mudanças poucas, muitas metodologias continuam tradicionais, apesar de todas as novas tecnologias. Ainda se vê salas de aula lotadas, condições estruturais das escolas precárias e os profissionais da educação tendo que sair às ruas lutando por seus direitos.

Quanto ao aluno, não deve ser visto apenas nessa condição, de “aluno”, como alguém a “vir a ser”, precisa ser percebido como um jovem com sentimentos e emoções, “alunos são”, estão nas relações escolares de hoje e agora, são seres humanos em busca de um caminho, o professor pode ajudar na escolha. Essa conduta pode ser motivadora favorecendo o processo de ensino aprendizagem ou desestimulante promovendo a evasão escolar. Mendes (2012) afirma que a autoimagem e autoestima positivas contribuem para o sucesso das relações intrapessoais e interpessoais. As pessoas podem escolher ficar estacionadas e não mudar porque os outros não mudam. Sendo necessário que cada um reconheça seu potencial e o do outro e faça a diferença.

Ouvindo as pessoas envolvidas nas relações escolares, conclui-se que para que a ação educativa seja de qualidade, é preciso muito estudo, pesquisa e debate. Rever as condições estruturais, físicas e humanas, exigir ações governamentais em reparação aos resultados das avaliações de desempenho e não concordar com amostras e índices impressos em belos cadernos só para análise e classificação.

As escolas são locais onde cada um pode construir seu conhecimento, desenvolver habilidades e tomar atitudes, o que depende do envolvimento e da interação entre os que convivem nesse espaço, é o que anseiam os pesquisados ao concordarem com a afirmação de Freschi & Freschi (2013) de que a construção do ambiente escolar é artesanal e por isso estruturada e lapidada com todo o cuidado.

Zimring (2010) afirma que os novos paradigmas da educação apontam inovações, que o objetivo deve ser o de facilitar a mudança e a aprendizagem: “ O único homem instruído é aquele que aprendeu como aprender, o que aprendeu a adaptar-se e a mudar, [...] que apenas o processo de procurar o conhecimento fornece

base para a segurança” (p.42). Assim, toda pesquisa visa cumprir os objetivos propostos, porém, todo pesquisador que se aprofunda em certo conhecimento só consegue fazer considerações momentâneas e nunca colocar um ponto final em suas colocações, pois outros abordarão o tema e a dialética continua, por isso aqui se faz apenas uma pausa.

5 REFERÊNCIAS

- ARROYO, M. Quando a Violência Infanto-Juvenil Indaga a Pedagogia. *In: Educação e Sociedade: Revista Ciência da Educação*. Campinas: Cortez/CEDES. V. 28, Nº 100, 2007. Disponível em: http://coordenacaoescolagestores.mec.gov.br/uft/file.php/1/coord_ped/sala_2/mod02_3unid_1.html (Acesso em 04/06/16).
- BAQUERO, R. **Vygotsky e a aprendizagem escolar**. Porto Alegre: ArtMed, 1998.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília,1988.
- CAMPOS, F. et al. **Cooperação e aprendizagem on-line**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- CHAUÍ, M. **Convite à Filosofia**. 12ª. ed. São Paulo: Ed. Ática, 2002.
- DEVRIES, R.; ZAN, B. **A ética na educação infantil: o ambiente sócio moral na escola**. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- DUARTE, V. C. **Relações interpessoais: professor e aluno em cena**. *Psic. da Educação*, São Paulo, 19, 2º sem. de 2004, p. 119 a 142. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psie/n19/n19a07.pdf> (Acesso em 07-03-2016).
- DOURADO, L. F. (Coord), Moraes K. M. e OLIVEIRA. J. F. **Gestão escolar democrática: definições, princípios e mecanismos de implementação**. 2003. Disponível em: <http://escoladegestores.mec.gov.br/site/4-salapoliticagestaoescolar/pdf/texto21.pdf> (Acesso em 03-05-2015).
- _____, L. F. **Políticas e Gestão da Educação Básica no Brasil: limites e perspectivas**. *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 921-946, out. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v28n100/a1428100>. Acesso em 1803-2015.
- , L. F. (Coord), OLIVEIRA. J. F. e SANTOS C. A. **A Qualidade da Educação: Conceitos e Definições**. Ministério da Educação- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. 2007. http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622009000200004 (Acesso em 14-01-2015).
- FERREIRA, M. E. C.; e GUIMARÃES, M. **Educação inclusiva**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

FRESCHI E. M. e FRESCHI, M. Relações Interpessoais: A Construção do Espaço Artesanal no Ambiente Escolar. **Revista Rei – Revista de Educação Ideau**, Vol. 8 – Nº 18 - Julho - Dezembro 2013. (Semestral). Disponível em: http://www.ideau.com.br/getulio/restrito/upload/revistasartigos/20_1.pdf (acesso em 09-11-2015).

GADOTTI, M. **Qualidade na educação: uma nova abordagem** – COEB - Congresso de Educação Básica: qualidade na aprendizagem.- Florianópolis- SC., 2013.

GERHARDT T. E. e SILVEIRA D. T.(org.) **Métodos de pesquisa**. - Universidade Aberta do Brasil – UAB/ SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

LINHARES, C. F. S. **A Escola e seus Profissionais**. Rio de Janeiro: Agir, 1986.

MAHONEY, A. A. e ALMEIDA, L. R. de. **Afetividade e processo ensinoaprendizagem: contribuições de Henri Wallon**. Psicologia da educação [online]. 2005, n.20, pp. 11-30. ISSN 2175-3520. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414469752005000100002 (Acesso em 07-03-2016)

MENDES, A. R. (org.); DOHMS. K. P.; LETTNIN, C.; ZACHARIAS, J.; MOSQUERA, J., J. M.; STOBÄUS, C. D. **Autoimagem, autoestima e autoconceito: contribuições pessoais e profissionais na docência**. PUCRS, UNILASSALE, Porto Alegre, 2012.

PINTO, R. G. e BRANCO, A. U. **Práticas de socialização e desenvolvimento na educação infantil: contribuições da psicologia sociocultural**. Temas psicol. [online]. 2009, vol.17, n.2, pp. 511-525. ISSN 1413-389X. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v17n2/v17n2a20.pdf> (Acesso em 07-03-16).

SÁNCHEZ, P. A. A Educação Inclusiva: um meio para construir escolas para todos no século XXI In: **Revista da Educação Especial**, out, 2005. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/revista_inclusao1.pdf (acesso em 11-02-2016).

SILVA, A. M. M. **A violência na escola: a percepção dos alunos e professores**, 1997. Disponível em: http://www.crmariocovas.sp.gov.br/amc_a.php?t=001 (Acesso em 12-04-2015).

TASSONI E. C. M. e LEITE S. A. S. **Afetividade no processo de ensinoaprendizagem: as contribuições da teoria walloniana**. Educação. v. 36, n. 2, p. 262271, maio/ago. Porto Alegre, RS, 2013.

TRAGTENBERG, M. Relações de poder na escola. In: **Revista Espaço Acadêmico**, Ano I, nº 7, dezembro de 2001. Disponível em: www.espacoacademico.com.br/007/07trag_escola.htm (acesso em 30/10/2015)

ZIMRING, F. **Carl Rogers** / Fred Zimring; trad. e org: Marco Antônio Lorieri. – Recife:

Fundação Joaquim Nabuco, Ed. Massangana, 2010. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me_4665.pdf (acesso em 11-02-2016).

6 ANEXOS

6.1 INDAGAÇÕES AOS ALUNOS DA 3ª SÉRIE DO ENSINO MÉDIO

A relações interpessoais no ambiente escolar dependem de vários fatores para que haja harmonia no trabalho realizado e os objetivos sejam alcançados. A construção desse ambiente, segundo Freschi & Freschi (2013) é artesanal, ou seja, estruturada e lapidada com muito cuidado, o que depende do envolvimento e da interação entre direção, equipe pedagógica, professores, agentes educacionais I e II e alunos, que convivem no mesmo a espaço.

1. Você considera importante as relações interpessoais no ambiente escolar?
 Sim Não
 Justifique:.....
2. Como você percebe as relações interpessoais na sua escola como um todo?
 Ótimas Boas Ruins Outros
 Justifique:.....
3. Sobre as relações interpessoais entre professor (a) e aluno (a), resumindo o seu relacionamento com os professores durante todo esse tempo de escola, como você classificaria?
 Muito bom sempre Nem sempre foi bom
 Foi muito ruim com alguns Foi ruim com a maioria
 Justifique:.....
4. Quanto a seus colegas de escola, como foram as relações interpessoais nesse período?
 Muito bom sempre Nem sempre foi bom
 Foi muito ruim com alguns Foi ruim com a maioria
 Justifique:.....
5. Para você, qual o perfil ideal de professor? (Pode escolher mais de uma opção)
 Transmissor de informações Orientador Mediador

() Ajudante na construção do conhecimento () Amigo () Outros

Justifique:.....

6. Estudiosos dizem que as relações interpessoais no ambiente escolar podem incluir ou excluir as pessoas. Você acha que a relação interpessoal no ambiente escolar pode refletir no processo de ensino/aprendizagem? De que maneira?

() Sim () Não

Justifique:

6.2 ENTREVISTA COM DIREÇÃO, PEDAGOGO, PROFESSORES E AGENTES EDUCACIONAIS I E II

A relações interpessoais no ambiente escolar dependem de vários fatores para que haja harmonia no trabalho realizado e os objetivos sejam alcançados. A construção desse ambiente, segundo Freschi & Freschi(2013) é artesanal, ou seja estruturada e lapidada com muito cuidado, o que depende do envolvimento e da interação entre direção, equipe pedagógica, professores, agentes educacionais I e II e alunos, que convivem no mesmo a espaço.

1. Você se identificada com o ambiente escolar? Há quanto tempo você trabalha nesse ambiente?
2. Especialistas dizem que é fundamental haver um bom relacionamento entre os colegas de trabalho. Você concorda que a relação interpessoal interfere no desenvolvimento pessoal e profissional?
3. No espaço da escola pública há muitas pessoas envolvidas. Você acha que as relações interpessoais nesse ambiente podem interferir no processo de ensino/aprendizagem?
4. Vygotsky, em sua teoria, afirma que a aprendizagem acontece não só pelo desenvolvimento cognitivo, mas por meio da interação entre os indivíduos. Em sua experiência profissional, você considera que o relacionamento professor/aluno reflete no ensino/aprendizagem?
5. De acordo com Chauí (2002), cada indivíduo possui um senso de moral próprio, o caráter, porém a realização pessoal depende das noções éticas. Para você, o que é ser ético no ambiente de trabalho?
6. De acordo com Freschi & Freschi (2013), o espaço escolar precisa ser construído artesanalmente, ou seja, estruturado e lapidado com muito cuidado e para isso depende do envolvimento de todos (as). Sendo assim, qual é o seu papel nesse contexto?